

Portadores da síndrome de down no contexto de educação especial com abordagem sistêmica entre escola e família**Bearers of down syndrome in the context of special education with a systemic approach between school and family**

DOI:10.34119/bjhrv2n4-020

Recebimento dos originais: 10/03/2019

Aceitação para publicação: 23/04/2019

Gelci Nogueira

Psicóloga Especialista Clínica, atua em duas APAES

Mestre em Psicologia de Recursos Humanos e Gestão do Conhecimento

Universidad Del Atlântico (Barcelona ES), no Brasil Fundação Íberoamerica FUNIBER,
Florianópolis/SC

E-mail: gelcinogueira@hotmail.com

RESUMO

A educação especial é um contexto de inserção de psicólogas/os em equipe multidisciplinar, com vínculo empregatício via SUS, sistemas APAES. Aborda-se um estudo sistêmico com quatro alunos Downs, três meninos e uma menina, entre as faixas-etárias de 8 anos/9 meses, 7 anos/7 meses, 5 anos/6 meses e 4 anos/3 meses, com o respectivo vínculo escola e família. Os dados foram coletados através de observação clínica, encontros de pais, entrevistas individuais com cada família e visitas domiciliares. O tratamento das informações e a análise dos dados permitiu verificar o êxito ou o fracasso do desenvolvimento psicossocial do aluno em diferentes faixas – etárias, sendo o foco principal, o método González Rey (2002,2003, 2005) em que afirma ser a Epistemologia Qualitativa, a possibilidade de pesquisar a subjetividade, cujos aspectos centrais tratam do caráter construtivo-interpretativo da produção de conhecimento, como processo de comunicação e diálogo na legitimação do singular, como instância de produção do conhecimento científico. Devidamente fundamentada na abordagem sistêmica envolvendo escola/equipe, alunos/famílias e seu entorno, numa dinâmica integrativa-inclusiva com resgate da função afetiva parental. A escolha do método e a abordagem sistêmica foram essenciais para o alcance dos objetivos do estudo e proporcionaram um melhor entendimento sobre a dinâmica das famílias que possuem membros com Síndrome de Down. Aponta-se com destaque surpreendente, em termos de desenvolvimento psicológico, cognitivo, social e funcional, o menor de 4 anos. É o resultado de um trabalho de observação, interação e reintegração escola e família, numa abordagem de pesquisa qualitativa e exploratória, que objetivou trazer, à realidade presente, novas modalidades interventivas psicológicas com resultados promissores, nas intervenções, em Educação Especial.

Palavras-chave: Psicologia educação especial. Funções parentais. Portadores da Síndrome de Down.

ABSTRACT

Special education is a context of insertion of psychologists in a multidisciplinary team, with practical use via SUS, APAEs systems. You can take a systemic test at 8 years / 9 months, 7 years / 1 week, 5 years / 4 months, and 4 years / 3 months, with school and family bonding. Data were collected through clinical observation, parents' meetings, individual interviews and each family and home visits. The treatment of the information and the analysis of the results of the screening of the selection or the failure of the psychosocial development of the student in different age groups, being the main focus, the González Rey method (2002, 2003, 2005), in which it is claimed to be an Epistemology Qualitative, the possibility of obtaining a subjectivity, as sometimes it is a constructive character of the production of knowledge, as a process of communication and dialogue in the legitimation of the singular, as the instance of production of scientific knowledge. The reasoning is systematic in the school / team, students / families and their surroundings, an integrative-inclusive dynamic with the function of the parental affective function. The choice of the method and the systemic approach to achieve the teaching objectives and the best way to stay in groups of students with Down syndrome. It stands out in terms of psychological, cognitive, social and functional development, less than 4 years. The result of a work of observation, interaction and reintegration school and family, a qualitative and exploratory research approach, which aimed to bring, the present reality, new psychological intervention strategies with promising results, in the interventions, in Special Education.

Key words: Special education psychology. Parental functions. People with Down Syndrome.

1 INTRODUÇÃO

Efetuuou-se este relato de experiência profissional Psicológica, a partir das observações comportamentais e familiares dos alunos aqui apresentados, por dois deles se destacarem em desempenho e evolução, apesar da Síndrome de Down. As Escolas Especiais, APAEs, em municípios vizinhos, distância 16 km. Escola 01 com 77 alunos e, Escola 02 com 96 alunos, sob normativas e responsabilidades legais do mesmo núcleo educacional.

O embasamento teórico e trabalho com as famílias, centram-se na abordagem Sistêmica, sob a óptica de novos conceitos e abordagens, destacando-se a transmissão multigeracional, segundo Celestino e B-Maluschke (Fonte: Victor R.R. CELESTINO Julia S. BUCHER-MALUSCHKE, –ISSN1516-6503 e ISSN2316-3402/2015), que é uma proposta para compreender o processo de repetição de padrões de relacionamento na família em sucessivas gerações e que, está intimamente relacionado ao processo emocional da família, antes mesmo do nascimento do indivíduo, o que observou-se na realidade das famílias em estudo. E que, a partir do momento em que se trabalhou as referidas famílias, identifica-se resultados próximos aos referido pelo novo olhar da abordagem Sistêmica, ou seja, que a diferenciação é fundamental para a saúde mental do indivíduo, para que este possa construir sua individuação e seu funcionamento psicológico independente dos padrões familiares.

A Síndrome de Down, segundo o artigo da Revista Brasileira de Psiquiatria (2000;22(2):96-9), além de apresentar atrasos no desenvolvimento, outros problemas de saúde podem ocorrer no portador: cardiopatia congênita (40%); hipotonia (100%); problemas de audição (50 a 70%); de visão (15 a 50%); alterações na coluna cervical (1 a 10%); distúrbios da tireóide (15%); problemas neurológicos (5 a 10%); obesidade e envelhecimento precoce.² Em termos de desenvolvimento, a síndrome de Down, embora seja de natureza subletal, pode ser considerada geneticamente letal quando se considera que 70–80% dos casos são eliminados prematuramente. Em relação ao prognóstico, verifica-se que a prevalência da condição tem aumentado na população geral em consequência do aumento de sua sobrevivência. *Tratamentos e terapias, em especial a estimulação precoce com fisioterapia e fonoterapia, mostram uma inequívoca contribuição para melhor desenvolvimento e desempenho social do portador da síndrome de Down.*

2 OBJETIVOS DO ESTUDO

Identificar junto às famílias de quatro alunos Downs (3 masculinos e feminino), as modalidades de atendimentos anteriores e atuais e, quais fatores foram decisivos para o pleno desenvolvimento saudável de dois alunos e, quais fatores inviabilizaram o desenvolvimento saudável dos outros dois alunos, em faixa-etária próxima.

Ao revisar e atualizar as anamneses clínicas desses alunos, o que me chamou a atenção foi o historial de vida familiar, gestacional e o quadro clínico médico deles.

- Quais fatores, foram decisivos para o pleno desenvolvimento psiconeurofuncional do aluno X e, principalmente, do aluno Z?
- Quais fatores prejudicaram e retardaram o desenvolvimento dos outros dois alunos?

3 METODOLOGIA

Revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Down e a abordagem Sistêmica. Efetuou-se visitas domiciliares, entrevistou-se os pais e observou-se os alunos em seu ambiente familiar. Na escola observou-se os alunos em, atendimento individual e, em grupo. Com os pais, encontros de pais em roda de conversa e, com as mães revisão da anamnese clínica e vida diária.

4 JUSTIFICATIVA

Iniciei meus trabalhos na primeira APAE em Março/2015, apresentando, em forma de palestra, os pais e toda a equipe da escola, meu programa de trabalho na modalidade Sistêmica e Cognitivo-Comportamental, formação de grupos (alunos e pais), e, atendimentos individuais tanto para a clientela quanto seus familiares. Assim conheci os alunos desse estudo e seus familiares. Conheci o aluno Z com um ano e dois meses, já caminhava, mas com traços de birra, geralmente se escondendo em baixo de uma mesa. Conquistei sua atenção e afeto, de tal modo, que passou a se apegar à mim, sempre que me encontrava no corredor ou na recepção, corria para meu colo, quando passava na frente de minha sala, entrava e não queria mais sair. Aprendeu a dominar o lápis e a caneta, desenhar as mãos, fazer bolinhas, riscos em forma de ondas grandes, com firmeza no traçado; costume utilizar uma prancheta, que ele pega e risca todos as folhas sulfites em branco; reconhece bonecos em família –cabeça branca ele aponta e fala que é o Vô. Aprendeu a vir para a escola ano passado (2017) com ônibus de linha junto com outros colegas. Recentemente fui a sua sala, ele pediu a professora para colocar um DVD da Galinha Pintadinha e, gesticulando com as mãos, braços e pernas dançou e cantou, me mostrando o que havia aprendido com a professora. Têm uma memória visual incrível, um domínio corporal psicomotriz veloz e assertivo. Este seu jeito ágil e rápido de aprender e mostrar o que aprendeu em gestos e rudimentos de palavras despertou minha curiosidade, em relação aos seus colegas Downs, mais velhos com o desenvolvimento atrasado, no gestos, no andar, e no falar, apesar de maior idade. Na segunda APAE, iniciei minha atividade com o mesmo programa de atividades e atuações, conheci o aluno X, independente no andar e no falar, ativo e participativo em todas as atividade da escola. Estes dois alunos de escolas e famílias diferentes me aguçaram a curiosidade, em conhecer de perto o que têm em comum e, o que os ajudaram a se desenvolver mais cedo que os demais.

5 CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em respeito ao tratamento sigiloso de suas identidades, identifica-se cada um por letras especiais: 1-W, 2-X, 3-Y, 4- Z, na ordem numérica respectiva (1,2,3,4).

1. Aluno W (06/08/2009), completou 9 anos, não foi amamentado no peito. Filho de pais com 39/40 anos, escolaridade, ele 1º grau, ela 2º grau, residem na zona rural. Têm um irmão, 3 ano mais velho (normal). Frequenta a APAE desde os 2 meses de vida.

Histórico gestacional: mãe relata que durante a gestação pressentia algo estranho com o bebe, mas não comentou com ninguém; sentia-se insegura. Fez pré-natal normal, nasceu de parto cesariana (9m) e, quem os comunicou, de que o filho tinha síndrome de Down foi o pediatra, de modo muito bruto, diz a mãe que entrou em choque, levou tempo para se acostumar e aceitar. Ele foi doente, apresentou hipotonia muscular, com atraso no desenvolvimento da fala (não desenvolveu a fala), caminhou próximo aos 3 anos. É tímido, reservado a participar das atividades na escola, de comportamento isolado, limita-se a olhar com leve sorriso. Hoje, após muitas intervenções com a família e a escola, começa a se envolver nas atividades de grupo. Relações familiares abrangendo tios, primos, avós, são distantes.

2. Aluno X (05/10/2010), com 7 ano e 10 meses, foi amamentado no peito até 8 meses. Filho de pais jovens (mãe teve ele com 16 anos), escolaridade dos pais primeiro grau, residem na zona rural. Tem um irmão com 1 ano e 10 meses. Frequenta a APAE desde os 5 meses de vida. Histórico gestacional: de gestação normal (9m), nasceu de parto normal. Os pais só souberam que ele tinha síndrome de Down, quando tinha 3 meses. Mãe o levou ao pediatra para uma consulta de rotina e, este lhe informou, dizendo que era para levar na APAE, ela estava sozinha com o filho, levou um choque. Não teve doenças infantis, gatinhou entre 7 a 8 meses, caminhou com 11 meses, houve leve atraso na fala, hoje se comunica bem. De comportamento ativo, habilidoso na arte de representar, adora música. Convive com avós, tios, primos.
3. Aluno Y (13/11/2012), com 6 anos e 9 meses, não mamou no peito. Filha de mãe com 40 anos e pai 43 anos, escolaridade primárias (4ª série), residem na zona urbana. Tem casal de irmãos. Frequenta a APAE desde 30/09/2013, com muitas faltas. Histórico gestacional: gestação conturbada, pelas dores que a mãe sentia (braço e perna direita, geralmente de madrugada), foi muito medicada. Mãe, no 7º mês de gestação fez Ultrasson e percebeu que o bebe não era normal, mas calou-se, o médico nada falou, passou a sofrer crises de choro, insônia e medo. Nasceu de parto cesariana, com sofrimento materno, de longa espera. Foi levada para a UTI neonatal, ficando lá 10 dias. Mãe foi informada sobre a síndrome de Down quando foi ver a filha na UTI, levou um choque. Foi para casa sem o bebe, desencadeou sensações depressivas pós-parto. Houve atrasos no desenvolvimento global da criança, com 1 ano voltou a ficar

internada por 17 dias, com pneumonia dupla. Dormia junto com a mãe, trabalhou-se, esse vínculo. Recentemente a criança passou a dar os primeiros passos, se agarrando em casa no sofá e cadeiras e, na escola com alguém do lado segurando sua mão. Não desenvolveu a fala, compreende ordens simples e consegue manipular objetos de encaixe. A mãe refez a vida, com exemplo de outras mães, passou a fazer massas, pães e doces para vender, se deu bem no negócio e abriu ME.

4. Aluno Z (27/01/2014), com 4 anos e 6 meses, não foi amamentado no peito. Filho de pais com idades: mãe 45ano e, pai 53 anos, na ocasião do nascimento, residentes na zona rural. Têm 5 irmãos adultos. Frequenta a APAE desde os 5 meses de vida. Histórico gestacional: mãe diabética, fumante, não conseguia dormir à noite; pai, aposentado por doença. De gestação instável. O aluno Z nasceu pré-maturo de 6 meses, ficou 45 dias na Incubadora da UTI Neonatal; portador da síndrome de Down, com leve alteração cardíaca, mãe manifestou duplo sentimento, aceita-rejeita, pensava: *meu Deus agora um neném e o que vou fazer*. Mãe ficou 45 dias internada, no início da gravidez, depois mais 45 dias no sexto mês, em que foi feito parto cesariana, por causa do diabetes muito alto mãe, ambos com risco de vida. Foi um bebe robusto, chorão, frequentava 2 vezes por semana, a APAE no primeiro ano. Aprendeu a gatinhar e caminhar, nesse primeiro ano de vida. Coincidentemente nesse ano, iniciei minhas atividades na APAE com abordagem Sistêmica e Cognitiva-comportamental. Era um bebe com expressão facial fechada, tímido, costumava se esconder em baixo da mesa, deitar e esconder o rosto. Iniciei roda de conversa com os pais e trabalhos de grupos com os alunos, com visitas domiciliares. Ganhei a atenção do aluno, de tal maneira que, sempre que me vê no corredor, corre para meus braços. Fiz sessão individual e de grupo com a mãe. O aluno raramente adocece, sempre forte e saudável. A comunidade onde residem é muito unida, convive com avós, tios, primos, vai a casa deles sozinho, sabe cruzar a rua e ir na casa dos avós.

6 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Entende-se que, quando nosso foco profissional está voltado para resolução de problemas, sempre encontraremos oportunidades saudáveis para melhor gerir conflitos, situações agressivas ou mesmo, contextos problemáticos. Meu trabalho com estas escolas têm sido um grande portal de visibilidade do outro, dos outros e de mim mesma em meio ao

referido contexto. Somos a voz e o caminho de luz, visibilidade e reorganização psicossocial dessa clientela e seu contexto familiar e social. Os encontros de pais, inicialmente eram quinzenais, depois passou a mensal, e desde o ano passado passaram a ser bimestrais. São momentos de conversas e troca de experiências e vivências. Revelou-se, uma oportunidade única dessa famílias saírem do anonimato, da vergonha social e do medo de serem ridicularizados na realidade circundante. Houve relatos de pais emocionados, comentando o quanto os filhos e, eles próprios, melhoraram no convívio diário e, que passaram a enxergar os filhos com mais respeito e amor-próprio.

O aluno W é de família bem estruturada (zona rural), pais muito unidos e bem relacionados na comunidade, com o aluno sempre saudável. Mas um detalhe me chamou a atenção: mãe tímida, com sentimentos preocupantes em relação ao filho. Não permitia, ao aluno, sair de dentro de casa, com medo que se machucasse. O W cresceu com medo de tudo, dos animais domésticos, das plantas e, sem convívio com ninguém fora de casa e escola.

O aluno X vem de família numerosa ao seu redor (zona rural), os avós, tios, primos/as. Desde bebe, a conviver e dormir na casa dos avós e, com um diferencial importante: na escola a equipe é ativa e criativa nas intervenções metodológicas. Aprendeu precocemente a manusear aparelhos sonoros, faz parte da Banda Musical da Escola e, os pais estimulam em casa, cuida do irmão.

A aluna Y vem de família em conflito (zona urbana), limitada no espaço e nos vínculos. Sofre bloqueios afetivos desde a gestação. Nasceu frágil, adoecida. Sem qualquer estímulo externo para desenvolver-se, ausência paterna, com forte apego.

O aluno Z (zona rural), apesar de suas origens parentais em idade avançada e doentes (mãe diabética e pai doente) e, o único dos três alunos de gestação de 6 meses, emerge com muita garra e força pela vida. Aprende fácil, imita tudo e todos, sabe como se comunicar entre gestos, palavras monossilábicas pouco compreensíveis ainda e, muita expressão corporal musical. Sabe manusear objetos, goste de assistir desenhos animados, canta e dança com o corpo todo. Tem firmeza nos passos, com total domínio psicomotor, é seletivo em suas escolhas, não se aproxima de qualquer pessoa. Dizem os pais que ele é muito inteligente, ajuda a mãe em tudo dentro de casa. Gosta de acordar cedo e ir até a casa da vó dar um beijo e tomar café com ela.

Dentre os quatro alunos com Síndrome de Down, destaca-se o aluno Z, com quadro clínico médico desde a gestação, de risco, nasce de período gestacional de 6 meses,

permanece na unidade neonatal 45 dias. E, no entanto, apesar da hipotonia muscular, sinais de patologia cardíaca inicial, desenvolve-se natural e saudavelmente.

Qual ou quais são os elementos facilitadores, tanto internos quanto externos, que possibilitam seu desenvolvimento saudável e comportamento ativo envolvente?

No caso do aluno Z, os encontros de pais e atendimentos individuais à mãe, aproximaram mais os familiares e, as visitas domiciliares reforçam as mudanças de comportamento para um convívio melhor, com diálogo e mais tolerância entre os mesmos. A família do aluno Z é grande e muito festiva, comenta o pai que, em fins de semana costumam reunir todos os tios, avós, sobrinhos e netos, momento em que, tocam muitos instrumentos musicais e dançam, e que o filho 'Z', participa de tudo tentando tocar violão, cantar e dançar.

Ressalto aqui a importância do modelo gestor no interior das escolas, que faz toda a diferença no desenvolvimento da clientela e aproximação das famílias na escola. Uma gestão aberta, acolhedora viabiliza discussões, encontros multiprofissionais e insere todos os profissionais da escola no foco atencional, em criatividade, envolvimento e ações pedagógicas e psicopedagógicas com metodologia estudada e rediscutidas, voltado ao desenvolvimento da clientela. Por exemplo: a inserção da Psicóloga numa reunião de Conselho de Classe, onde possa estar contribuindo com esclarecimentos técnicos pertinentes ao comportamento dos alunos. Numa escola, seja especial ou não, onde não há esse papel funcional dos profissionais da psicologia, observa-se reações, por parte dos educadores, mais a nível superficial, atribuindo o mau desempenho da clientela, à ela mesma, aos pais ou mesmo ao Estado.

- Respostas possíveis para o desenvolvimento saudável do aluno X e do aluno Z: *fatores de natureza interna: mudança de hábitos e comportamento dos pais e, externa: entorno riquíssimo nas inter-relações familiares, escola com ações sistêmicas (aluno Z), associados aos traços de personalidade pró-ativo de cada aluno. E na atualidade com reforço da Psicologia Sistêmica atuante entre escola e família.*
- Respostas possíveis para as dificuldades apresentadas pelos outros dois alunos: *identifica-se as falhas médicas. Qualquer gestante, nos dias atuais, necessita de acompanhamento psicológico durante a gestação e, quando há suspeita de criança especial, é urgente a necessidade de acompanhamento psicológico, durante a gestação e após o nascimento do bebê.*

O resultado desse trabalho me faz refletir acerca das demais APAEs e, de como cada colega Psicóloga/o atua e, será que a atuação contribui para o pleno envolvimento entre escola e família? Defendo que, a modalidade de intervenção psicológica nas APAEs, é mais eficiente e eficaz na abordagem Sistêmica. Nosso trabalho se torna prazeroso, divertido e satisfatório, pois os resultados emergem dentro e fora da escola, as famílias se tornam mais participativas e confiantes.

E para finalizar a apresentação, abordo referências oportunas da Escola de Palo Alto (EUA), em que alguns de seus representantes divergiam da rigidez dos círculos acadêmicos, no modo humano de se comunicar e interagir. Destaca-se o pensamento de Gregory Bateson, que passou a pregar uma epistemologia evolutiva e interdisciplinar, aproximando-se de outras ciências, como a Sociologia, a Psicologia, a Psiquiatria, (...); pois para ele a mente, o espírito, o pensamento e a comunicação conjugam-se com a dimensão externa do corpo para construir a realidade individual do sujeito; de modo que comunicar implica construir um sentido na interação, fator prioritário no campo da Terapia Sistêmica e Psicoterapia. Diz ele: “*A comunicação é o que torna possível as relações humanas*”. E Virginia Satir complementa: “*...me dei conta que acontecia mais alguma coisa nas famílias do que era evidente*”. Fonte: TOMO IV, FUNIBER/2017.

Este artigo fez parte de um Relato de Experiência apresentado no XVI ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOLOGIA e II CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DA TRÍPLICE FRONTEIRA, em Foz do Iguaçu PR/BR, Agosto/22 a 25/2018.

REFERÊNCIAS

FUNIBER, F.U.IBA. Disciplina Introdução à Programação Neurolinguística. TOMO IV, capítulo 1, pg 09 a 17, 2017.

MOCARZEL, E. *Do luto à luta: um novo olhar sobre o Síndrome de Down*. São Paulo: Casa Azul Produções Artísticas/Circuito Espaço de Cinema, 2004. 76min.

MOREIRA, LÍLIA MA, EL-HANI, CHARBEL N AND GUSMÃO, FÁBIO AF. A Síndrome de Down e sua patogênese: Considerações sobre o determinismo genético. *REV. BRAS. PSIQUIATR.*, JUN 2000, VOL.22, NO.2, P.96-99. ISSN 1516-4446.

M. Rossato. *Método González Rey (2002,2003A, 2005). Desenvolveu o que denomina Epistemologia qualitativa como possibilidade para pesquisa da subjetividade.* www.scielo.br/pdf/pee/v17n2/v17n2a11.pdf, 2013.

ANEXOS

Apresentou dois artigos de opinião sobre os alunos de escola especial, publicados no Livro *Compêndio de Psicologia*, Nogueira 2019.

OS VITORIOSOS DO XI FESTIVAL NOSSA ARTE

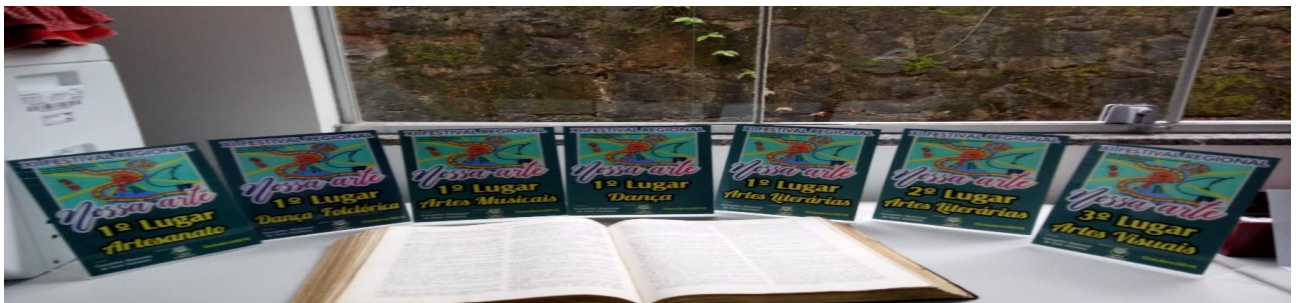
Em 25 de Outubro de 2018, realizou-se no centro Cultural Arte e Vida de Dois Vizinhos/PR, o XI Festival Nossa Arte, das Escolas Especiais, pertencentes ao Núcleo Regional de Dois Vinhos/PR. Trata-se de um momento cultural muito importante para nossos alunos, em que cada um dos participantes, juntamente com seus respectivos coordenadores, professores e membros de apoio, revelam a grandeza e desenvoltura de suas potencialidades, talentos e coragem perante uma sociedade que ainda mantém-se refém de crenças e valores distorcido acerca do desenvolvimento humano.

Sou a Psicóloga responsável pela prestação de serviços psicológicos (Equipe SUS), à duas Escolas Especiais: Escola Zilda Arns (Salto do Lontra/PR) e Escola Renascer (Nova Prata do Iguçu/PR). A escola Zilda Arns com apresentações em duas categorias – Música e Teatro se destacou com os 2º e 3º lugares, numa belíssima apresentação, através do esforço de dois jovens professores, recentemente fazendo parte da equipe.

A Escola Renascer foi a grande vencedora do evento, iniciou seu destaque, na confecção do Cartaz com o tema do festival, em que um aluno tirou o primeiro lugar ganhando uma medalha. O desenho do aluno, sobre o tema do XI Festival Nossa Arte 2018, se tornou símbolo de todos os troféus dados aos demais ganhadores. Na tarde de 25 de Outubro de 2018, a escola Renascer presenciou seus alunos se destacarem em cinco primeiros lugares. A Banda Musical da Escola Renascer deu início ao evento tocando o Hino das APAEs. Na sequência a abanda se apresenta com seus alunos vestidos, elegantemente por patrocinadores, destaca-se dois vocalistas, um com deficiência visual, dois professores nos violões e outros alunos nos demais instrumentos, obtendo primeiro lugar na categoria. A Dança Contemporânea, uma Releitura da Obra de Candido Portinari, classificada com o 1º lugar para a fase estadual do Festival Nossa Arte, através de três hábeis professores e a equipe

Brazilian Journal of health Review

técnica de apoio (psicológico, psicopedagógico, fisioterápico e social). Um trabalho planejado, desde o início do ano, com ensaios persistentes e motivadores dos professores, coordenadora e direção. Apoio psicológico, nas semanas anteriores a apresentação, foram intensas e presentes nos ensaios com todos os alunos. Até nos últimos dias havia alguns que choravam, outros pensavam em desistir com medo de errar no palco, mas tudo isso foi motivo de autoafirmação e superação. Dos treze componentes dessa dança, sete vestiam-se de preto e seis de branco, roupa confortável de malha, doada por patrocinadores, sensibilizados com o esforço dos alunos. O resultado nos surpreendeu a todos, fez o público aplaudir de pé e emocionou toda equipe e direção da escola. A dança folclórica, sob responsabilidade dos professores de música e educação física, também se destacou em 1º lugar, houve rearranjo dos participantes, reforço e apoio psicológico para que aceitassem, vivenciar o momento sem preocuparem-se com erros ou acerto nos passos. Os oitos participantes foram magníficos em seus respectivos passos. Também ouvi primeiro lugar em Artes Literária, surpreendentemente, uma aluna se destaca com o 1º e 2º lugar em Artes Literárias, isto sim é superação de limites de uma cultura que não olha para determinados talentos específicos. E um 3º lugar em Artes visuais. Os primeiros lugares estão classificados para o próximo ano (2019) apresentarem-se no Festival Estadual, em Cascavel/PR.



A fé e a coragem, aliadas aos conhecimentos psicológicos (sistêmicos), psicopedagógicos e pedagógicos, com metodologias específicas são nossas ferramentas de sucesso inquestionáveis. Numa escola, seja especial ou não, onde não há esse papel funcional dos profissionais, observa-se reações desmotivadoras, no trato com a clientela. Nossas escola são exemplos de superação.

Observação: Este artigo de opinião faz parte do Livro 'Compêndio de Psicologia' (Nogueira, p.82, 2019)



SONHOS POSSÍVEIS

Apresento a história de uma mãe, prisioneira da cultura de miserabilidade com comprometimento das funções intelectuais. Assemelha a muitas outras pelo Brasil, provenientes de proles numerosas sem vínculos afetivos, sociais e comunitários. E quem as pode ajudar? Somos nós mesmos, todos fazemos parte do mesmo contexto. O problema de uns compromete todos. Não dá para fechar os olhos e fazer de conta que está tudo bem.

Nomeio-a de Estrela. Viveu perambulando pelas ruas como pedinte. Resgatou a dignidade e aprendeu a cuidar do único filho que restou com o companheiro, após intervenções sistêmicas. Acompanhei e orientei seu filho, durante o velório, no dia em que ela morreu, dizendo que a mãe seria a estrela mais bonita lá no céu. E quando visse, no céu uma estrela piscando, era a mãe. Ele vivenciou o velório inocente, calado, por vezes a brincar com os colegas da escola, que vieram prestar as últimas homenagens à Estrela.

Estrela apagou sua luz na terra, no início da madrugada de 19 de outubro de 2017, após sucessivos embates com a forma de vida que levava. Chegou a mim por estranhos caminhos, o que me leva, escolher sua história para a apresentar na IV Edição do Concurso Publicação Solidária/FUNIBER/2017 (link:www.estudiarenfuniber.com).

Fui convidada a trabalhar na Instituição Escola Especial (APAE), através de uma amiga, no fim de Março/2015. Apresentei a Instituição através de uma palestra, modo de trabalho que iria desenvolver. APAE: Escola de Educação Básica Zilda Arns, Ed. *Infantil e Ed. Profissional na Modalidade de Educação Especial*. Foi fundada em 25/10/1989, entidade filantrópica, atende 77 alunos, com idade de 03 a 73 anos.

Por que tratar a família? A resposta é simples: o que acontece com um membro da família afeta todos os demais. A família é mais do que a soma de seus membros; é um sistema vivo com leis próprias de funcionamento. As famílias apresentam problemas. Por quê? Porque as mudanças psicossociais são contínuas, as culturas se misturam, as redes sociais se infiltram, o ser humano tem de se reinventar e as famílias se reestruturar.

O que difere a escola especial da escola regular? A Escola de Educação Especial diferencia-se da escola comum ao concretizar a oferta de escolarização e educação a um alunado com deficiência intelectual e múltiplas deficiências, requerendo interdisciplinaridade e intersetorialidade nas ações com equipe técnica especialista juntamente com pedagogos, professores e agentes educacionais.

Em meados de Junho daquele ano (2015), fui chamada à Delegacia, com a Assistente Social, para acompanhar o menor e sua mãe num depoimento, contra o pai, havia chegado

embriagado e batera na mãe. As vizinhas denunciaram, foi preso. Após a coleta dos dados, o Delegado entra e diz: *‘Não se preocupe doutora, vou aplicar a Lei Maria da Penha, (...)’*. Este fato se deu numa quinta-feira.

Quando retornei na terça-feira, da semana seguinte, encontro a direção da escola preocupada. Foram à casa de Estrela e o esposo já estava em casa, que devia estar ainda preso. Ao tomar ciência dos fatos, minha atitude foi: *vamos chamar o casal aqui na escola e ouvi-los*. Assim procedeu-se. Reunimos a equipe técnica (SUS), mais a coordenadora e diretora. Conduzi a reunião solicitando que nos contasse o que tinha se passado, a ponto dele ser preso e depois solto. Para nossa surpresa (equipe), presenciamos ele (esposo) chorar, falando como tinha sustentado sua família até aquele momento.

O que configurou-se foi a coragem de um sujeito leigo, limítrofe entre a realidade objetiva e subjetiva, oriundo de origens parentais e culturais paupérrimas, defendendo seus pertences, seu filho com uma esposa deficiente intelectual. Naquele momento, avancei com uma pergunta para a equipe: *é possível ensinar à ela os afazeres domésticos?* Todas acenam que sim, me volto para a Estrela e pergunto: *você aceita aprender a fazer pão e comida aqui na escola?* Ela com um tom de voz zangada, cabeça baixa, fala: não. A equipe se entreolha (...). Após a saída deles, refletimos a situação para reorganizar aquela família. A começar pelo básico, ensinar a mãe a fazer pão, queixa do esposo, de que ela não sabia. Há tantos anos a viverem ali, sob condições sub-humanas. Começamos a traçar um plano para fazer um mutirão e construir uma casa para a família. Inseri Estrela nos encontros de pais, em atendimentos individuais e em grupos com os colegas, passou a participar de todas as atividades da escola, ativamente.



1ª. Imagem: o casebre/2015.

Na primeira visita, em 07/05/2015, com fins de levantando psicossocial para formalizar Laudo Psicológico, obtenção do BPC (Benefício de Prestação continuada), sem emprego formal, não tinham renda fixa, relatei o que observei:

‘Vivem num casebre rodeado de mato, com acúmulo de lixo e água suja a correr na frente, sem escada para entrar; o espaço interno é cheio de coisa velha acumulada, muitas roupas sujas esparramadas por cima de um velho sofá, sujo; a casa com teto cheio de buracos, as paredes com enormes frestas, quase caindo, num lote grande (de propriedade do esposo) bem perto do centro da cidade, com a vizinhança, dos lados, com casas boas. O sonhos do casal é ter uma casa nova.

Estrela, na época, tinha 48 anos (14/06/ 1967). Sua postura era curvada, envelhecida precocemente. Relata que fazia os serviços de casa com ajuda do esposo, não aprendeu a fazer pão, não conhecia dinheiro. Conheceu o esposo, numa horta comunitária, logo depois que seu pai morreu.

Em 2015, com nova equipe técnica, passou-se a dar mais atenção à família. Segundo uma vizinha, entrevistada, comentou que só agora (2015), esta família tem recebido a atenção que merece através da Instituição APAE Zilda Arns, por intermédio da Psicóloga.

O casal perdeu os dois filhos mais velhos para outros familiares. No entendimento dela, acha que foi porque não tinha prática de cuidar, dizia que era ele que dava banho nas crianças, ela não conseguia dar banho, nem fazer mamadeira.

Perguntou-se à Estrela: O que sente quando vai ver os filhos? Resposta: não sei dizer, acho que nada. Via-se ali uma pessoa, emocionalmente, congelada pelos sofrimentos vividos, mas com dois sonhos bem definidos: ganhar o benefício e ter uma casa boa para morar. Passou-se a efetuar orientações domésticas, em que se mobilizou a família, para limpar casa (ela acumula lixo dentro de casa), tirar o matagal do lote, e fazer alimentação mais consistente. Quando o esposo passava o dia fora trabalhando, em casa ficava-se sem comida. Era na escola que mãe e filho se alimentavam.

As mudanças começaram a se concretizar em 2017, coincidência ou não, ano em que ela completou 50 anos, com a chegada do BPC. A escola acompanhava Estrela nas compras de supermercado. Percebia-se o quanto ela havia melhorado seu comportamento. Aprendeu a fazer pão, arrumar a casa, a cozinhar. O menor contava na escola feliz, que a mãe havia feito pão e que ficou bom, até seu rendimento escolar melhorou. Ela comentava que sua intimidade com esposo havia melhorado, através das conversas com a Psicóloga.

Entre Maio a Julho/2017, tratou-se de providenciar a casa, inicialmente, foram comprados alguns materiais para ele mesmo fazer um banheiro. Com a ajuda de funcionário da escola, foi feito um mutirão para tirar de dentro de casa tudo o que era lixo.



2ª. Imagem. Construção do banheiro/2017.

A vida sempre nos surpreende com o inesperado. Estrela sempre foi doente, com uma tosse crônica, agravando-se no inverso. Este ano piorou, descobriu-se de tinha problemas de Tireoide, necessitava de cirurgia, foi marcada para o mês de Agosto. Recuperou-se, praticamente sozinha residindo na casa velha, deu sinais de situação crítica. O problema era a moradia. A Assistente Social teve a ideia de comprar uma casa usada. Juntamente com a direção da escola e o apoio de um irmão dele. Conseguiram comprar uma casa de madeira, pronta, em boas condições de uso, 2 quartos, sala e cozinha, teto bem forrado. A casa foi trazida com apoio de terceiros e os arremates finais, ele fez. Tudo muito simples, mas limpo, arejado e bem fechado. Ela só queria isso para sua família e conseguiu, pouco tempo antes de morrer.



3ª Imagem: a casa nova, recém-assentada sob o terreno/Setembro/2017.

Estrela partiu, a um mês, deixando esposo e filho em boas condições de moradia, cumpriu sua missão de mãe protetora. No dia de sua morte, velório e enterro, o inesperado se fez presente: todos os filhos e o pai ao redor de seu caixão. Do menor, não se viu uma lágrima, apenas medo, não conseguiu olhar para o rosto da mãe. Na hora do almoço, fiquei com eles, pedi ao menor para me ajudar a arrumar os vasos de flores que ela ganhou, caixão revestido de cetim. O filho ajeitou as flores, arrumou o véu nas laterais e me perguntou, se os pés da mãe estavam enrolados embaixo daquele pano azul, muito bonito. Foi esse o modo que

ele encontrou para se despedir da mãe, sem choro. Algo me inquietava, ali a olhar aquele caixão, me questionei: Em que é que tudo isso me mobilizou? Em minha mente surge imagens infantis, sofrimentos semelhantes. Parece-me que a realidade presente, nos coloca de frente, com situações semelhantes, para que possamos libertar a carga emotiva, do passado e continuar evoluindo, enquanto ser humano. Meu Mestrado em RH e Gestão do Conhecimento tem me ajudado a rever novos modos de gestão e como podemos intervir.

Ser psicóloga é, as vezes, ter sido única na vida de alguém que não tinha com quem contar para dividir sua solidão, sua angústia, seus desejos.

Observação: Este artigo de opinião faz parte do Livro 'Compêndio de Psicologia' (Nogueira, p.85, 2019)